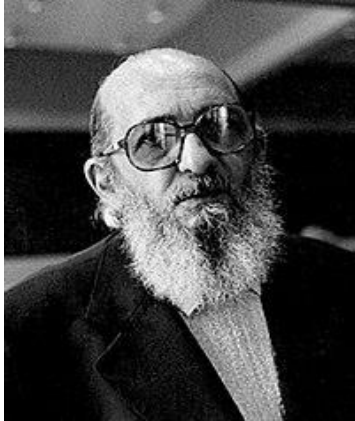


26-04-2021

CARTA A PAULO FREIRE

Fagner Luiz Lemes Rojas

[Mestre em Educação. Doutor em Saúde Coletiva.
Professor Adjunto da FACIS (UNEMAT- Diamantino)]



Essa carta é endereçada ao pernambucano, esposo da Dona Nita Freire, o professor Paulo Reglus Neves Freire [sobre ele], ou, como é mais conhecido, Paulo Freire [entrevista]. Querido professor Paulo, gostaria de iniciar esse monólogo endereçado a ti, tomando a liberdade de chamá-lo respeitosamente pelo primeiro nome. Não se avexe! Já adianto que farei vários elogios, isso é inevitável! Ao pesquisar sobre a sua vida e estudar a sua obra, fui garimpando nelas achados preciosos que me encantaram muito, fico arretado! A sua importância e representatividade como filósofo, epistemólogo até hoje produzem ruídos fortíssimos na sociedade.

Desde 2020, quando adentramos num governo negacionista, a sua voz ecoa tão forte que até revogaram uma lei destituindo o senhor do título de Patrono da nossa educação. Veja se pode! Não sabem que o legado de um professor não é só sobre os títulos, é muito mais sobre transformação, liberdade, anti-opressão e solidariedade, é sobre o 'bixo da inquietude' que a gente deixa inculcado na cabeça dos educandos lá na sala de aula ou à sombra de uma mangueira. Tê-lo como patrono da Educação Brasileira é um orgulho para todos nós educadores e educadoras dos Brasis e fora dele [leiam esse dedilhado]. Professor Paulo, eu também sou professor. Quando eu falo sobre o senhor com meus colegas, eu digo: "a obra dele é contemporânea e não superamos o que ele propôs." O seu dedilhado é atemporal, é uma revolução literária. E olha! Nem sei se posso denominar assim, mas eu fiz a leitura da trilogia: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança e Pedagogia da Autonomia e, em todas elas, parece que os textos exprimem uma espécie de simplicidade teórica que estão muito próximas com as relações práticas da educação, escola, educador, educando, vida e política, e, ao mesmo tempo, o modo das suas colocações assumem

uma profundidade de 'vir a ser educador' e 'vir a ser educando' compromissados com a sociedade melhor e mais justa. É como a expressão que o senhor destacou num dos textos "nunca é, está sempre sendo". Professor, eu até gostaria de dialogar com o senhor um pouco mais sobre algo que ajudasse na reflexão dos negacionistas, porque talvez achem que é dissociando o título do homem que a sociedade e comunidade acadêmica negue a obra, coitados!

Não conseguem compreender a condição de 'documento / monumento' [Jacques Le Goff] e da indissociabilidade entre o homem e a obra. O legado é (i)material, então podem queimar os livros!

O que repercute e ecoa da sua produção produz canais que vão de encontro com dilemas da sociedade e reverberam lá nas ciências exatas, humanas e sociais, saúde e por aí vai... O senhor é danado!

O povo esperneia! O movimento é tão forte que PODEM ATÉ MATAR O HOMEM, mas as SUAS IDEIAS, JAMAIS.

A educação brasileira ao ser representada pelo senhor e por tantos outros intelectuais brasileiros, ganhou evidência, como dizemos por aqui para grandiosidades: vai do 'Oiapoque ao Chuí', tem longo alcance popular e é tomado como objeto de discussão por muitos teóricos. Professor Paulo, talvez você nunca tenha parado para pensar sobre o alcance que a sua obra teria, porque ao que me parece, o seu lugar no mundo e o próprio mundo, não são lugares objetificáveis, muito embora, seja de onde emanaram as suas 'questões suleadoras', aquelas que instigaram os debates anti-opressores e esperançosos que foram produzindo rupturas capazes de desinstaurar os instituintes. O que quero destacar é que, epistemologicamente, os saberes construídos pelo senhor são um compêndio que consegue encontrar a condição da 'amorosidade' [sobre o termo] na educação e formação solidária que está inexoravelmente implicada com o Ser social, moral e crítico descrito na pedagogia do suprimido [texto]. A seus livros continuaram pelas mãos da sua esposa Nita Freire que, brilhantemente e com muita sensibilidade, reuniu os textos que deram origem a Pedagogia dos Sonhos Possíveis, Pedagogia da Solidariedade, Pedagogia da Tolerância, Pedagogia da Indignação e À Sombra desta Mangueira.

Professor Paulo, a sua trajetória que talvez muita gente não conheça, foi detalhada numa obra *a posteriori* da sua partida pelos seus amigos Walter Ferreira de Oliveira [sobre o livro] e Henry A. Girox [nota] na apresentação e prefácio da Pedagogia da Solidariedade, e nela, destacaram que em 1996, durante uma conferência da Pedagogia do Oprimido, foi entregue ao senhor o 30º (trigésimo) título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Nebraska em Omaha nos Estados Unidos. Para os defensores da educação pública, laica e gratuita o senhor é um orgulho nacional. O legado que ficou para nós e para as próximas gerações é substancial para 'botar na roda' e fazer um chamado capaz de defrontar e tornar visível os temas invisibilizados pela sociedade. Humildemente, me coloco como um estudioso iniciante da sua obra e vou me dando conta que, a cada palavra e noção de mundo impressas nas folhas dos seus livros, também vou conhecendo o sentido da "solidariedade que tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções" [Afonso Scocuglia]. Professor Paulo, gostaria de finalizar em nome dos meus colegas professores, enfatizando que a voz da sua pedagogia é condição imanente à politicidade da educação que está em nós, o senhor nunca será silenciado.

Abrços Fraternos de um leitor freireano. Cuiabá, 2021.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.